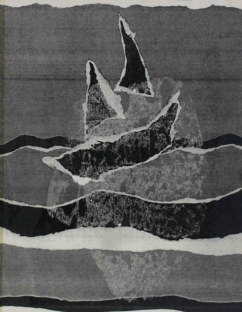


462



ENQUANTO OTININFINI



Nota: Fernando Pessoa

Leitor: José Gomes

Trabalhadores: Grupo INFINITO DE ALMAS E TRAIÇÃO

Personagens: 1, 2 e 3

Cenário: Três barbas, cordões, vasilhas de barro, utensílios de rituais.

Peça de tecido claro, de algodão, que transforma-se em outro, entrecostado, preto, etc.

CENA 1 - Abertura

As luzes de cenas quebreando no preto surgem os três personagens, envoltos em densas fumaças de incenso, que depositam nos cordões do palco. Uma grande entrecostada atravessa a cena. A iluminação é fantasmagórica, noturna, acalorada.

CENA 2

(Sentados sobre os barbas. Cava-se um grito-jar lento, profundo, próximo d'água nos barros)

- 1 - (Baixo) Conta a lenda que dormia uma princesa encantada, a quem só despertaria um infante, que viria de além do mar da estrada...

(Os pingos d'água intensificam-se. Acelerem)

- 1 - (Não tão baixo) Conta a lenda que dormia uma princesa encantada, a quem só despertaria um infante, que viria de além do mar da estrada. Ele tinha que, tentado, vencer o mal e o bem, antes que, já libertado, deixasse o caminho errado por o que a princesa vem. A princesa adormecida, se espanta. Dormindo e para. Bebe em morte a sua vida, e arma-lhe a fronte esquelética, verde grisalha de hora...

(Os pingos d'água agora são ouvidos rápidos e pesadamente)

- 1 - A princesa adormecida, se espanta. Dormindo espanta. Bebe em morte a sua vida, e arma-lhe a fronte esquelética, verde grisalha de hora. Longe, o infante enforcado, sem saber que tentado tem, raspa o caminho errado. Ele dela é ignorado. Ela para ele é ninguém. Mas cada um cumpre o destino: Ela dormindo encan-

tudo, Ele buscava-a com vista pela processo divina que faz existir a estrada. E se tem que seja obscure tudo pela estrada aferra. e falas, ele vem seguro, e chega onde se sente ele certo. Ainda tanto de que houvera, à cabeça, na marinha, ergue a mão e encontra a hera. E vê que ele mesmo era a princesa que dormia.

1 - (Suspira) Ah, o mesmo conto de sempre. Não direis senão palavras.

2 - É tão triste falar. De passadinhos?

1 - Onde?

1 - Aqui, de um lado para o outro. Às vezes isso vai buscar sonhos.

2 - Sonhos? Sonhos de quê?

1 - Não sei. Porque haveria eu de saber?

1 - De passadinhos?

2 - Onde?

1 - Aqui, de um lado para o outro. Às vezes isso vai buscar sonhos.

2 - Sonhos? Sonhos de quê?

1 - Não sei. Porque haveria eu de saber?

(PAUSA. SUSPIROS)

(SUSPIROS)

1 - Alguém tem de falar. É preciso. Falar do passado - isso deve ser bom, porque é inútil e faz pena. Falem! O silêncio começa a tomar corpo, começa a ser coisa. Falem!!

(2 e 3 começam a falar ao mesmo tempo, cada um mais alto:)

2 - Ah, as praias longínquas, /	3 - Partir. Como numa lenda
as mais vistas de longe, /	as sem sonhos. Partir. Pa-
e depois as praias próxi- /	los sonhos, pelos perigos
mas, as mais vistas de /	de mar, para Fora, para
perto. O Grande Gato dan- /	longe, para a Distância A-
da partindo em Navios-Nú /	bsoluta? Indefinidamente
ções! O Grande Gato Anta- /	pelos noites misteriosas
vier, eterno e divino! Drag /	e fúteis. Não sou nada.
do Gato como os outros co- /	Runoserei nada. Não pen-
is, mas o Óndico. E vê, /	so querer ser nada. É pag
coisas novas, quílicas, /	to isso, talvez em um todos
mentres, valas...	os sonhos de mundo...

1 - Calam!!

(2 e 3 se calam. Sentem-se novamente, inquietos)

1 - (O mais inquieto) Falemos, se quiserdes, de um passado que não tivéssemos tido.

2 e 3 - Não.

3 - Talvez a infelicidade.

(Sibitivamente corre-se o comentário de NAYELIANNE.)

-Sh-sh-shhh!

(A figura 1 ergue-se como se hipnotizada.)

-Hi-lu-shhh!

(2 ergue-se assustada.)

-In-Noooo-shh!

(3 ergue-se à contra-gosto).

1 - O Navagante? É o Navagante, vocês ouviram?

2 - (Hesita) Não...

3 - (Sugere) Não.

1 - (Suspira) Todo este país é muito triste. Aquela onde eu vivi era mesmo triste. Ao entardecer eu ficava junto à minha janela. A janela dava para o mar e às vezes havia uma ilha ao longe. Muitas vezes eu olhava para o mar e esquecia-me de viver. Não sei se era feliz, já não me tornarei a ser aquilo que talvez eu nunca fosse.

2 - Fora daqui nunca vi o mar. Ali, daquela janela, vê-se tão pouco... O mar das outras terras deve ser belo.

3 - Só o mar das outras terras é que é belo. Este que nós vemos dá-nos lembranças daquela que não veremos nunca.

1 - (Suspira) Todo este país é muito triste. Aquela onde eu vivi era mesmo triste. Ao entardecer eu ficava junto à minha janela. A janela dava para o mar e às vezes havia uma ilha ao longe. Muitas vezes eu olhava para o mar e esquecia-me de viver. Não sei se era feliz, já não me tornarei a ser aquilo que talvez eu nunca fosse.

2 - Fora daqui nunca vi o mar. Ali, daquela janela vê-se tão pouco... O mar das outras terras deve ser belo.

3 - Só o mar das outras terras é que é belo. Este que nós vemos dá-nos lembranças daquela que não veremos nunca.

(PAUSA. 1 e 3 encolhem-se tristes. 2 levanta-se.)

2 - Mas não tínhamos que contar-lhes o mesmo passado?

1 - Exatamente?

3 - Não. Não tínhamos nada. Esqueçamos?

(Os três encolhem-se. Brincam com suas saias. Correm, saltam, inventam vozes e ordens. Entrecolhem-se, correm.)

CENA 3

[Súbitamente a estrada da onda quebrou-se entre rochedos. Os três cessam os movimentos lúdicos. Aproximam-se, sentam-se de costas, esmagão, águas; trabalham freneticamente e conversam nervosamente:]

2 - Por que não haverá relógio neste quarto?

3 - Não sei. Que importa?

2 - Nunca sei quando virá o dia.

3 - E que importa? Ele virá sempre da mesma maneira.

1 - Por que não haverá relógio neste quarto?

3 - Não sei.

2 - Que importa?

1 - Nunca sei quando virá o dia.

2 - E que importa?

3 - Ele virá sempre da mesma maneira. Sempre, sempre, sempre!

1 - Então contemos contos.

2 - Eu não.

3 - Eu não sei contar nenhum.

[Falta. Cessam o trabalho. Voltam lentamente para os barcos].

1 - Não faz mal. Só viver é que faz mal. Não deveria ter a vida sem com a orla das nossas vestes.

2 e 3 - [Ao mesmo tempo em que levantam-se] Se passarmos?

1 - [Ráido] Não, não vos levanteis. Isso seria um gesto e cada gesto interrompe um sonho. (2 e 3, que ficaram estáticos durante esta fala, voltam a sentar lenta e cuidadosamente).

[Os três ficam bem quietos, mas disfarçadamente se entreolham]

1 - [Baixo, quase um sussurro] Cada gesto interrompe um sonho.

3 - [Idem, idem] Neste momento não tenho sonho nenhum.

2 - Mas tenho o pensamento que não é sonho um sonho.

3 - Bem sei o que não é sonho. Se olho para o presente com muita atenção, parece-me que ele já passou.

1 - Talvez as coisas sejam assim no Japão e no Egito, e no Príncipe e no Poeta, enquanto não é tudo aqui apenas apenas um sonho de um. [Transição. Eles entreolham-se confusos. Encolhem-se silenciosamente]

2 - Ah, falam. Falam alto! O silêncio começa a tomar corpo, começa a ser coisa. Falam!

1 - Os navios que entram na barra... (continua)

(Ao final da coreografia, 2 e 3 estão agarrados aos braços enquanto 1 está de pé, diante de mim, fascinado)

3 - É isto a vida? É isto? movimentos fúteis, desejos

1 - Estou tonto.

2 - Movimentos fúteis, desejos, rancores.

1 - O que sei é que estou tonto. Há ondas na minha alma.

3 - É isto a vida? É só isto?

2 e 3 - (Unidos) Um cansaço violento e desmedido.

3 - Um dia vago e horrível, a tudo.

1 - É por isso que estou tonto. O Navagante. Ele está próximo, ele está vulgoso. (Volta-se para os outros) O Navagante está voltando, vocês viram? (Os outros não respondem) Vocês se viram?

(2 e 3 respondem ao mesmo tempo)

2 - Não. / 3 - Não.

3 - Porque é que voltaria? Por que?

2 - Por que vivemos à beira-mar?

1 - Por que vivemos à beira-mar. Por que todo este país é muito triste e nunca navegamos. Ah, eu era ainda um pequeno bárbaro e por entre as rochedos explorava o mar.

3 - Porque vivemos à beira-mar?

2 - Por que vivemos à beira-mar?

1 - Porque todo este país é muito triste e nunca navegamos.

3 - Eu era ainda um pequeno bárbaro e por entre as rochedos explorava o mar...

1 - Continuai.

2 - Contai do passado.

1 e 2 - Falei?

3 - Não falemos de nada, de nada. Por que é que havemos de falar? É melhor cantar, não sei por quê.

1 - O canto, quando a gente canta de noite, é uma pessoa com medo que entra de repente e nos consola.

(Corre-se um canto novo, espécie de "canto de marcha". Os três afastam-se, apertam lanetas e observam o longe).

CENA 2

2 - Conta a lenda que o Navagante havia se perdido...

1 - (Observando pela laneta) Veja, um barco, é um barco!

- 3 - O Navegante havia se perdido numa ilha longínqua. Desde que naufragado ele vivia ali. Como não tinha meios de voltar à pátria e sofresse ao lembrar-se dela, então começou a imaginar uma pátria que nunca existiu...
- 3 - Não é um barco. São rochedos. Os mesmos de antes.
- 2 - O Navegante havia se perdido numa ilha longínqua. Como não tinha meios de voltar à pátria e sofresse ao lembrar-se dela, então começou a imaginar uma pátria que nunca existiu, com outras paisagens e outra gente. Cada hora ele construía em sonho esta falsa pátria e durante essas e essas o Navegante seguia sua rotina cotidiano a sua nova terra natal. Ele cria ruas, bairros e cidades. Passou a conhecer certa gente, suas vidas e conversas. Assim, foi construído um novo passado. Tinha já um lugar onde nascera, os lugares onde passara a juventude e os lugares onde estivera. (2 e 3 se deixam levar pelo encantamento da estória. Sonham). Mas um dia, um dia que chovera muito e o horizonte estava incerto, o Navegante começou a sentir. Começa a recordar a sua pátria verdadeira, mas via que não se lembrava de nada, que ela não existia mais. Toda a sua vida tinha sido a sua vida que sonhara.

CENA 2

(Replay coreográfico: os três se unem. Brincam com suas capas. Correm, saltam, inventam vozes, oníus, sons. Entrecolhem-se, sorriem)

2 e 3 - Ehhhhhh- Ephenaaa-Heiiiii!

- 1 - (Ilumina-se) É grito dela vem do céu. Sente a ouvir-se gritar dentro de si, mas não sai e caminha de olhos vendados para a minha garganta. (Bergue-se sobre o barril como uma ave sobre o mar) Quando amanhecer tudo isto acabará. De tudo ficará apenas a certeza de que é falso quem acredita no sonho.

(Com um ritual de batismo, 2 e 3 jogam água sobre 1, que desaparece.)

CENA 3

(Replay coreográfico: Explosão, madeira partindo, estilhaços. 2 e 3 são atirados ao chão. Seguros certos, rolos por um pescoço, vel cordão, jogam-se por sobre um provável tomboalho. Agarram-se aos barris).

1 - Pssss!

2 - Estou cego. O que há em mim é sobretudo sangue.

- 1 - Só isto?
- 2 - Tenho vontade de chorar.
- 3 - Só isto? Falai!
- 2 - Estou cansado. O que há em mim é esgotado cansaço.
- 1 - Só isto?
- 2 - Tenho vontade de chorar.
- 3 - Só isto?
- 2 - Não quero saber mais, é segredo, não digo.
- 3 - Só isto? Novasmentes fustiga, desceja, rancoras, um cansaço violento e desmedido, um ódio vago e horrível, e tudo? Ah, não falemos mais. Isso tudo é tão estranho que deve ser real.
- 2 - A única coisa real é o Navegante.
- 3 - Ao menos como acabou o sonho, o sonho do navegante perdido.
- 2 - Não acabou. Perdiu sonho acabou. Um dia talvez apareça um barco, encontrará a ilha e não estava lá o Navegante.
- 3 - Talvez tivessem regressado à pátria. Mas é qual?
- 2 - É que importa? Há rumo para qualquer coisa ser o que é?
- [PAUSA]
- 3 - O silêncio. O silêncio começa a tomar corpo. O silêncio começa a ser coisa.
- [ouve-se um peso pingar de água. Cada vez mais forte e insistentemente. Os dois levantam-se, desatopam os barris e afastam-se apressados].

ACTA II

- 3 - [Aponta o barril] Devemos beber desta água.
- 2 - Devemos?
- 3 - Bebemos desta água.
- 2 - É necessário?
- 3 - [Ordena] Devemos beber desta água.
- 2 - [Hesita] Devemos?
- 3 - Bebemos desta água.
- 2 - É necessário?
- 3 - Sim.
- 2 - Por que?
- 3 - [Desesperado] Devemos beber desta água.
- 2 - Devemos?
- 3 - Bebemos desta água.
- 2 - É necessário?
- 3 - Sim.

- 2 = Year spent
3 = (Recycle) Year since 1st 4 digit

(Os dois sibam para o alto, a casa se ilumina. Eles se abraçam e logo depois se repulsem violentamente. Iniciam uma luta feroz que é interrompida pelo 3º chamamento do Evangelista.)

... ..

2000

- 2 - (Humana-se, sente no barril) O Navagante. Ele chegou.
3 - (ríspico) Não. Ele partiu.
2 - (Tranquilo) Não, não acabou. Restam ainda mais.
3 - Ele partiu. E não voltará.
2 - E que importa? Quando acabarem tudo isto acabará. De tudo fi-
cará apenas a certeza de que é feliz quem acredita no sonho.
(Como em outro ritual de batismo, o jogo Água sobre X, que de-
significa.)

0641

(Seusino,) está tonto, enjogado e perdido. Ao fundo, vai surgindo o KATACANTE. Mistura de semi-deus e belo maricadeiro. Faz soar um instrumento que lembra o apito de marinha):

NAVEGANTES - Zómbi, marinheiros, gaúchos, tripulantes, pilotos? Marinheiros, navegadores, marujos, aventureiros?

- 1 - (Marginal de fundo, esquerda e direita) Partir. Como uma
lenda ou um sonho. Partir.
- 2 - (Idem, idem) Porque é lenda e é sonho. Partir. Pelas ondas pe-
las perigos do mar.
- 3 - Para Fora, para longe, para a Distância Absoluta!
- 4 - Indefinidamente pelas noites misteriosas e fúrias.
- 5 - (Fundo, lateral) Não sou nada. Nunca serei nada. Não posso que-
rer ser nada. À parte isso tenho em mim todas as coisas do mun-
do. Das coisas reais por uma. Ah, seja como for, seja por ou-
tra vez. (Revolta-se, tomado pelo sonho) partir!

ELVISCAUTE - Eslava, pescadores, navegantes, piratas de tempo de Rei
no, navegadores de Brasil...

- 3 - ...Aqueles que dormem com o perigo a espreitar pelas vigias! Aqueles que dormem com a morte por transverso. Sorte errada de tanto sei, cruzada de tanta chuva! Homens que encheiam o voo ao alar de tantas portas . , terras e águas. Tem

Table 1

de castor morto, sangue nas veias de minha imaginação. Formei-me imagens. Por que as verdadeiras minhas conexões são um barco de quilha preta, minha âncora um remo partido e a tenetura das mãos que vos é uma rede a secar na praia.

(CORRÊA E FOLHAS-DE-CÁDIZ. O NAUFRAGADO PREPARA A VIAGEM COM A AJUDA DE 1 e 2. 3 NOVE-SE ENDESSOUBO PELA ORLA, DELÍRIA.)

NAUFRAGADO - Velhas, mestres, velas, góndolas, lama! A lá necessitar!

1 - Sim! Gratificai-me nas navegações!

2 - Fazei análise das minhas velas!

3 - Amarras das meus miasmas!

TODOS - HAAAAAAAA...

1 - ...hh! Navegantes, mercantes, piratas, olhai-me. E anali-me. Quero estar convosco na escuridão, na pilhagem, no esquecimento. Quero perder convosco a noção da moral e despir e nado imito das cobaias. Despir a vida estúpida, regredir e revirar! (PAUSA) Com a certeza que do eterno a tudo h"á apenas o nada.

2 e 3 - (Por que estances não falando ainda?)

1 - Porque estances não falando?

2 - Porque estances?

3 - Porque?

(O NAUFRAGADO AFASTA-SE LENTAMENTE).

FIM

Mano, 1955

